



Revista Café com Sociologia

Volume 5, número 2, Mai./Agos. 2016

ENTREVISTA

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA PESQUISA ACADÊMICA: entrevista com *Ileizi Luciana Fiorelli Silva*

Entrevista realizada por *Cristiano das Neves Bodart*¹

Ileizi Luciana Fiorelli Silva é professora da Universidade Estadual de Londrina, doutora em Sociologia pela FFLCH-USP (2006), mestra em Educação pela FE-USP (1998) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (1991). *Ileizi Luciana Fiorelli Silva* é, sem dúvida, uma referência quando a temática é “ensino de sociologia no Brasil”; referência enquanto docente, pesquisadora e militante.

Enquanto docente, além de lecionar no curso de graduação em Ciências Sociais da UEL, sua atuação se estende também ao Programa de Pós-graduação de Mestrado em Ciências Sociais da UEL, orientando pesquisas voltadas a essa temática, bem como lecionando no curso de Especialização em Ensino de Sociologia dessa mesma instituição de ensino.

Como pesquisadora, destaca-se por sua produção acadêmica ligada a temática ensino de Sociologia. *Ileizi Luciana Fiorelli Silva* coordena o “Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia da UEL” (LENPES). Sua relação com a temática “ensino de Sociologia” se estende para além da UEL, estando ativamente presente nos principais eventos nacionais que tratam do tema.

Como militante, *Ileizi Luciana Fiorelli Silva* esteve presente na luta pela reintrodução do da Sociologia no Ensino Básico e atualmente vem coordenando a Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Sociologia-SBS (2015-2017), tendo atuado, entre 2015 e 2016, como

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. Editor chefe da Revista Café com Sociologia. E-mail: cristianobodart@hotmail.com
V.5, n. 2, p. 232-239, Mai./Agos. 2016.

integrante do corpo de especialistas da SEB/MEC para a elaboração da Base Nacional Comum Curricular.

Por todo exposto, tenho honra e a felicidade de trazer nesta edição da Revista Café com Sociologia uma entrevista realizada a essa destacada professora, pesquisadora e militante Ileizi Luciana Fiorelli Silva.

Revista Café com Sociologia: Professora Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva, iniciamos esta entrevista lhe solicitando que nos conte como a senhora principiou, enquanto pesquisadora, seu interesse pela temática “Ensino de Sociologia”.

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: O tema foi me chamando aos poucos, começando no estágio durante a licenciatura. Nas escolas onde realizei as tarefas do estágio comecei a me interessar pelas razões que levavam a inclusão ou exclusão de disciplinas, entre elas Filosofia, Sociologia, História, Geografia, Latim e Francês. Essa curiosidade levou-me a ler autores da sociologia do currículo. Depois, quando assumi aulas de Sociologia da Educação, no curso de magistério, passei a me preocupar também com as políticas educacionais e com os métodos de ensino. Fiz um curso de especialização em Ensino de Sociologia (1995); fui da primeira turma desse curso da UEL. Minha monografia foi a respeito do currículo básico do Paraná de 1991. Então, posso afirmar que comecei a fazer pesquisa na área da Educação com essa monografia. Em seguida fiz a dissertação de mestrado sobre as Políticas Educacionais do Paraná dos anos de 1991-1998. O tema específico “ensino de sociologia” só foi pesquisado com mais profundidade durante o doutorado e é aí que me firmei como pesquisadora dessa temática.

Revista Café com Sociologia: Quem “nasceu” primeiro, a pesquisadora Ileizi Luciana Fiorelli Silva ou a militante Ileizi Luciana Fiorelli Silva?

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: Primeiro nasceu a militante. Mas, a militante das pastorais sociais da igreja católica, ligadas à teologia da libertação. Dos quatorze aos vinte e quatro anos estive envolvida com os movimentos sociais operários, de bairros e do Partido dos Trabalhadores (PT), por influência das leituras realizadas no ambiente da Igreja Católica. Cursei Direito na UEL durante dois anos e a decisão de ir para as Ciências Sociais teve, seguramente, a influências dessas leituras sócio-teológicas que propiciaram o desenvolvimento do *habitus* da curiosidade pelas questões sociais e filosóficas. Nos primeiros anos do curso de

Direito tive contato com a Sociologia, Ciência Política e a Filosofia. Foram as disciplinas que mais me encantaram. Acho que a partir daí começou a nascer a estudiosa e pesquisadora. No primeiro ano do curso de Direito fui bolsista de iniciação científica no projeto sobre as Delegacias para Mulheres (1985-1986). No terceiro ano do curso de Ciências Sociais fui bolsista de iniciação científica no projeto sobre Partidos Políticos no Paraná (1989-1991). Nesse ambiente acadêmico fui tomando gosto pela pesquisa. De lá para cá é a atividade que mais gosto; bem mais do que a militância em partidos, movimentos sociais e sindicatos. Entretanto, tentei me equilibrar nos vários espaços, acadêmico, familiar, sindical, movimentos sociais. Esse *habitus* de militância foi mesclado com o *ethos* da academia e, por isso, engajei-me na luta pela inserção da Sociologia no Ensino Médio. Foi uma militância interna na UEL e no Paraná. Não havia pretensões nacionais naquela época, entre 1990 e 1998. Só depois, estimulada pela prof^a Lesi Correa, e por colegas de outros estados, fui me aproximando dos grupos de fora do Paraná. No processo de elaboração da tese, na USP, sob orientação da Heloisa Helena Teixeira de Sousa Martins, fui me engajando nas associações científicas, transportando a “militância” pelo ensino de sociologia ao ambiente científico. Na SBS-Sociedade Brasileira de Sociologia, liderados pela Heloisa Helena Martins, fomos organizando espaços de discussão da Sociologia na educação básica. Outros colegas, muito importantes nesse processo, dedicaram-se a articulação política, como o Lejeune Mato Grosso Xavier. Sem a articulação política para aprovação da lei que obrigava o ensino de Filosofia e Sociologia as outras frentes de luta e articulações no campo acadêmico seriam inócuas. O fato da Sociologia ser ensinada em todas as séries do Ensino Médio tem sido o principal argumento para nossa existência nas associações científicas, como a SBS e ANPOCS. Embora tenha nascido primeiro a “militante” no processo de inclusão da Sociologia nos currículos do Ensino Médio, nascia com mais força a “pesquisadora” e essa foi a principal forma da minha contribuição para essa “causa”. Entretanto, nas faces de militante e de pesquisadora, uma outra face faz a conexão e mistura todas as *personas*: a atividade de docente, de professora e de educadora.

Revista Café com Sociologia: É consenso que para que tenhamos uma consolidação e permanência da sociologia no Ensino Médio é fundamental que esta seja também consolidada enquanto subcampo de pesquisa. Em um levantamento que fiz, juntamente com o Marcelo Pinheiro Cigales, no número de dissertações e teses dedicadas ao tema “ensino de Sociologia”, entre 1993 a 2015, notamos que há um expressivo incremento no volume de trabalhos após o ano de 2009, antes desse período não encontramos nenhum

ano no qual tivesse sido defendido mais de três teses e/ou dissertações cujo espoco fosse o ensino de sociologia. Em 2009 encontramos 10 trabalhos, com queda para apenas um trabalho em 2010, três em 2011, nove em 2012, em 2013 quatorze trabalhos e em 2015 com 25 trabalhos defendidos. Nos parece que a reintrodução da sociologia teve um papel importante nesse comportamento. A senhora diria que apenas a reintrodução da sociologia no Ensino Médio teria fomentado pesquisas sobre tal temática? Poderia nos apresentar sua interpretação a esse respeito?

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: Como afirmei acima que o fato da Sociologia ser ensinada em todas escolas do Brasil foi o que justificou nossa presença na SBS e ANPOCS, minha hipótese principal para que o “ensino de Sociologia” inserir-se nos programas de pós-graduação da Educação e das Ciências Sociais se ancora nesse fato. Sem a presença obrigatória da Sociologia nos currículos do Ensino Médio a expansão e a criação de linhas de pesquisas seriam em outro ritmo, para não dizer que poderiam ser até inexistentes; como eram antes da LDB de 1996. Todos os levantamentos de longo prazo demonstram isso. Levantamentos sobre artigos, dissertações e teses abarcando períodos de 1925 a 2001, de 1996 a 2014 e assim por diante. Feitos por mim, pela Anita Handfas, pela Roberta Nuhod, por vocês, enfim, seria difícil sustentar uma temática como “ensino de Sociologia” se a disciplina não estivesse sendo ensinada. Não sabemos o que aconteceria se a disciplina fosse retirada dos currículos do Ensino Básico. Em condições diferentes, acredito que nunca teríamos ido tão longe com essa história do ensino de Sociologia no Ensino Médio ou nas escolas secundárias.

Revista Café com Sociologia: Quais seriam as principais contribuições diretas do desenvolvimento de pesquisas em torno do ensino de Sociologia sobre sua consolidação no Ensino Básico brasileiro?

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: Eu digo sempre que a primeira contribuição da Sociologia nas escolas é de a levar os cientistas sociais a redescobrirem a escola como objeto de estudo. Então, houve uma revitalização das pesquisas na graduação e na pós-graduação a respeito das juventudes, das escolas, da formação de professores e dos materiais didáticos. Especificamente sobre os temas correlatos às atividades que envolvem ensinar Sociologia para jovens e adolescentes, há pesquisas sobre a história da disciplina, sobre os livros didáticos, sobre a legislação educacional, sobre os cursos de Ciências Sociais, sobre os conteúdos ensinados nas

escolas, sobre as experiências metodologias, sobre o Programa de Iniciação à docência (PIBID), entre outros. Recomendo a leitura dos seguintes materiais: o artigo de Anita Handfas e Julia Polessa Maiçara, “O estado da arte da produção científica sobre ensino de sociologia na Educação Básica (2012)”², e; a Tese de doutorado de Roberta dos Reis Neuhold. “Sociologia do ensino de Sociologia: os debates acadêmicos sobre a constituição de uma disciplina escolar”. Essa tese foi apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2014.

São pesquisas que tratam do que tem sido pesquisado e debatido a respeito de *Ensino de Sociologia*, nos anos de 1993 a 2013. Esses dados revelam o que estamos produzindo de estudos no descritor “ensino de Sociologia” e a criação de grupos de pesquisas na base do CNPq, de laboratórios de pesquisa e de ensino, e assim por diante. A contribuição já é perceptível nos debates nos Grupos de Trabalho da SBS, do ENESEB, da ANPOCS, nas mesas e fóruns dos eventos. O debate está em outro patamar.

Revista Café com Sociologia: É comum encontrarmos pesquisadores afirmando que a temática “ensino de Sociologia” sofre discriminação no interior das Ciências Sociais, o que teria sido apontado como um dos fatores que levou tal temática ser abordada prioritariamente nos Programas de Pós-Graduação em Educação, em detrimento de sua “apagada” presença nos cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais ou Sociologia. Se essa leitura é, de fato, procedente, quais seriam os principais motivos e quais as consequências mais latentes dessa situação?

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: Essa situação já está diferente. Os dados da tese de Roberta Neuhold, demonstram que a diferença da produção nos programas de Educação e nos programas de Ciências Sociais não é tão grande assim. Varia em cada ano. O que constatamos é que está difícil inserir a temática nos dois campos: da Educação e das Ciências Sociais. Não é por discriminação negativa ou positiva. O problema é de condições objetivas. Uma linha para ser sustentada em um programa, que depende da avaliação da CAPES, precisa ter número de docentes com produção qualificada suficiente para manter a nota de avaliação do programa. É uma competição difícilíssima não só para o “ensino de sociologia”, mas para qualquer temática. As dificuldades de constituição do tema como objeto e linha de pesquisa nos programas de

² HANDFAS, Anita; MAIÇARA, Julia Polessa. “O estado da arte da produção científica sobre ensino de sociologia na Educação Básica”, publicado na Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais BIB São Paulo, n. 74, 2.º semestre de 2012, p.43-59.

pós-graduação são mais complexas do que as explicações correntes que dizem que há “discriminação”, “preconceito”, etc. Sem dúvida que nas disputas no campo científico há hierarquia dos objetos e eles são classificados e reclassificados constantemente. No processo de competição há modos de desqualificar colegas e temas, mas isso não é algo que só ocorra com o tema “ensino de Sociologia”. No documento de avaliação da Sociologia da CAPES de 2013, há 9 programas com menções, ementas e um com a linha de Ensino de Sociologia. São 9 programas no contexto do total de 49. São programas com avaliação positiva de 7 a 4, apenas dois com nota 3. Note-se que isso não é pouco se pensarmos no tempo de obrigatoriedade da disciplina no Ensino Médio. Assim, no universo de 49 cursos, encontrarmos 9 programas que já explicitam linhas e/ou ementas de pesquisa, o que é algo a ser considerado como inserção da temática no sistema de pós-graduação nacional.

Sabemos que a constituição de *linhas* nos programas de mestrado e doutorado demoram, precisam ser sustentadas por longo tempo, com pesquisadores, publicações, orientações, grupos de pesquisa. Isso só é possível com alguma tradição que se vai criando, aos poucos, desde os cursos de licenciatura. Não é por outra razão que encontramos apenas um curso com a linha de Ensino de Sociologia, exatamente na UEL-Universidade Estadual de Londrina, onde há um envolvimento com a temática desde 1991. Necessita-se de maturação para que mais programas possam estruturar linhas ou tópicos, ou ementas que deem conta dos fenômenos relativos ao ensino da Sociologia. Quais as possibilidades de amadurecimento dessas linhas? Por que elas conseguiram certa penetração nesses últimos anos, conforme os estudos citados indicaram? Sugiro que as mudanças nas políticas da CAPES, maior órgão de fomento e que pauta o sistema de pós-graduação, influenciaram e influenciarão muito as configurações dos programas nos próximos anos. Outra força social que pode explicar essa inserção, nos últimos dez anos, é a organização dos agentes em torno da Sociedade Brasileira de Sociologia-SBS, que atuam de forma coordenada e reforçam suas atividades de pesquisa e ensino em suas instituições de origem. Em uma luta no *campo*, disseminada em várias regiões de forma coordenada e orientada para o fortalecimento da Sociologia no Ensino Médio, tendo como desafios, a pesquisa e a formação continuada das/os professoras/es da Educação Básica em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

Revista Café com Sociologia: A sociologia é, no conjunto das Ciências Sociais, reconhecida pela preocupação do uso de um corpo teórico “robusto” e capaz de colaborar para a explicação dos fenômenos sociais. Considerando que a preocupação com a temática “ensino
V.5, n. 2. p. 232-239, Mai./Agos. 2016.

de Sociologia” é recente no Brasil, podemos aferir que já temos um corpo teórico consolidado, claro e amplamente mobilizado para pensar as práticas do ensino de Sociologia no Ensino Básico?

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: As teorias mobilizadas para pensar o ensino de Sociologia e as teorias para praticar o ensino na educação básica são criações e recriações das tradições dos pensamentos antropológicos, políticos e sociológicos. Assim, ainda há uma variedade de rica experimentação metodológica nas pesquisas e no ensino da Sociologia nas escolas. Isso está em curso. E temos, sim, um corpo robusto de teorias, o que ainda está em processo de acúmulo são as pesquisas empíricas, lá nas salas de aulas, com os materiais didáticos, as metodologias, os estudantes, os professores. Isso ainda está em processo de criação. Mas, já conta com um considerável acervo de artigos, dissertações e teses, basta ler o material que indiquei na pergunta anterior. Podemos contar com uma forte Sociologia do Conhecimento, Sociologia da Educação e Sociologia do Currículo; além, é claro, das ricas pesquisas etnográficas nas escolas e na Educação, assim como, com a pesquisas na Ciência Política sobre o Estado e a Educação. Enfim, basta mobilizarmos o melhor das disciplinas das Ciências Sociais para realizarmos pesquisas de excelência sobre ensino de Sociologia, Sociologia nas escolas, etc.

Revista Café com Sociologia: Quais suas expectativas, num futuro próximo, para a temática “ensino de Sociologia” como objeto de pesquisa acadêmica?

Ileizi Luciana Fiorelli Silva: Considerando as pesquisas sobre o estado da arte, o contexto de formação de professores com o PIBID e a inserção de cientistas sociais nas escolas por meio de concursos públicos, podemos contar com um salto qualitativo nas pesquisas sobre ensino de Sociologia. Haverá uma maior inserção da temática nos programas de pós-graduação de Educação e de Ciências Sociais e, com isso, um maior conhecimento do que se pratica como ensino de Sociologia. Evidentemente que isso depende da permanência da Sociologia nos currículos do Ensino Médio. Mesmo que haja diminuição dos espaços e dos tempos, se ela não for excluída na totalidade, o que se construiu em termos de aparato de pesquisa sobreviverá. Se ela se mantiver do jeito que está hoje, a tendência será amadurecermos ainda mais os espaços de pesquisa na pós-graduação, contando também com os mestrados profissionais de ensino que reunirão docentes e pesquisadores com docentes das escolas, *V.5, n. 2. p. 232-239, Mai./Agos. 2016.*

produzindo pesquisa aplicada. Será um novo horizonte para as Ciências Sociais mais ligadas as demandas sociais. Esse processo enriquecerá ainda os programas de pós-graduação acadêmicos com novas perguntas e problemas de pesquisa.

Revista Café com Sociologia: Em nome dos leitores da Revista Café com Sociologia, sobretudo dos interessados na temática aqui tratada, agradeço pela oportunidade do aprendizado. Obrigado!